

Estudo da viabilidade de implementação de um Centro de Visitantes para a ASMARE

Raquel Fonseca Vieira (PUC) raqfonvieira@yahoo.com

Patrícia Aparecida Ferreira (UFLA) pattty82@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho foi realizado numa Associação de catadores de materiais recicláveis de Belo Horizonte. Esta Associação recebe visitantes que buscam informações sobre sua organização. Diante deste fato, as pesquisas foram realizadas com o objetivo de verificar a viabilidade de implementação de um Centro de Visitantes baseado no planejamento interpretativo. Buscou-se uma análise participativa através da aplicação de entrevistas qualitativas a alguns catadores e principais atores envolvidos com o processo de reciclagem e com o turismo. Através dos dados coletados, observou-se que a proposta de um Centro Cultural para esta Associação numa área nobre de Belo Horizonte já existe, porém os próprios catadores desejam algo perto de sua realidade e que eles possam ser os principais agentes do processo interpretativo. Acreditam, inclusive, no potencial turístico de seu trabalho e consideram-se não apenas catadores, mas também agentes ambientais. Palavras-chave: Catadores; Conscientização Ambiental; Centro de Visitantes..

1 Introdução

O Turismo depende da existência de recursos naturais e culturais para acontecer, sendo que muitos destes recursos são frágeis. Os locais onde tal atividade é proposta nem sempre são providos de infra-estrutura antes de serem “comercializados” e isto potencializa os impactos negativos.

Dentre os impactos negativos, está o aumento da produção de resíduos sólidos nas regiões onde atividades turísticas são desenvolvidas, pois há uma elevação do consumo de bens em geral e, conseqüentemente, da quantidade de lixo produzido.

O lixo pode ser tanto uma conseqüência do Turismo como de outras atividades humanas. Todavia, há uma dificuldade em distinguir a origem do lixo, pois “nem sempre existem informações disponíveis sobre as condições ambientais anteriores à chegada do fenômeno turístico” (AUCILINO, 2001, p.59), mas é fato que os resíduos tornam-se um agravante para a atividade turística. O lixo contamina ambientes e destrói os atrativos naturais e culturais.

Mas afinal, o que pode ser considerado lixo? O lixo são resíduos produzidos por todos em maior ou menor quantidade. É aquilo que perdeu a utilidade, o que não dá mais para ser aproveitado e deve ser descartado. Esta, entretanto, é uma visão simplista se olharmos mais profundamente para o conteúdo das nossas lixeiras. O que acontece hoje é uma produção desenfreada de produtos e, conseqüentemente, de lixo, numa sociedade que se tornou a Sociedade do Consumo e do Descartável.

A produção de resíduos vem aumentando desde a II Guerra Mundial, segundo uma pesquisa sobre o lixo realizada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac (1998). Os dejetos passaram a ser destinados a vazadouros, popularmente conhecidos como lixões, ou aterros sanitários localizados nas periferias das cidades, ou seja, próximos à residência daqueles mais pobres.

Apesar do trabalho informal de catação de materiais recicláveis nos vazadouros ser insalubre, em alguns casos é a única oportunidade de trabalho para uma parcela excluída da sociedade. Trabalham se arriscando a contrair doenças, pois muitos não têm outra alternativa. Isto aconteceu inclusive com algumas pessoas que hoje formam a Associação de Catadores de Papel, Papelão e Material Reciclável – ASMARE. A ASMARE é uma instituição pioneira na coleta e seleção de materiais recicláveis em Belo Horizonte. Esta Associação tornou-se um exemplo de organização. E seu modelo é o motivo de muitos visitantes procurarem os seus diretores e associados na busca de informações mais detalhadas. Assim, o lixo e o seu valor econômico passam a atrair pessoas interessadas em sua gestão. Foi pensando na questão ambiental do lixo e na necessidade de uma conscientização a este respeito que surgiu a idéia do Centro de Visitantes para a ASMARE, a fim de aliar reciclagem, conscientização popular e turismo. Mas como transformar uma associação de catadores em um atrativo turístico? Esta resposta foi encontrada na técnica da interpretação, que visa não apenas conscientizar as pessoas sobre um tema relevante, mas estimulá-las a agir em prol de uma causa.

Os estudos dentro e fora da ASMARE foram desenvolvidos com o objetivo de verificar a viabilidade de implementação de um Centro de Visitantes para esta Associação, que fosse capaz de promover a conscientização ambiental e, assim, dar uma nova visibilidade ao trabalho dos catadores, ampliando e valorizando-o. Para isto, procurou-se identificar os desejos dos catadores e verificar as vantagens e desvantagens que o Centro traria para os mesmos. Além disso, identificar o público-alvo e conhecer as aspirações dos atuais visitantes da Associação também é imprescindível para direcionar o planejamento interpretativo e definir a melhor forma de organização para um Centro de Visitantes e sua possível localização. Também procurou-se conhecer como um novo atrativo poderia ser integrado ao Turismo que já é desenvolvido na capital mineira.

2 Referencial Teórico

A interpretação ou o planejamento interpretativo é *“uma atividade educacional que objetiva revelar significados e relações através da utilização de objetos originais, de experiência de primeira-mão bem como de mídia ilustrativa, ao invés de simplesmente comunicar informações factuais”* (TILDEN apud MURTA; GOODEY, 2002, p.14). O ato de interpretar visa agregar valor ao objeto sobre o qual comunicamos algo. A Interpretação é uma ferramenta da comunicação que pode ser mais eficaz do que uma simples exposição de idéias. Assim, há o entendimento mais fácil do que é comunicado pelo uso de uma linguagem voltada ao público a que se destina.

Os primeiros a adotar uma interpretação, segundo Murta e Goodey (2002) foram os parques nos EUA, no final dos anos cinquenta, estimulados pelo estabelecimento da prática sistemática da interpretação pelo Serviço Nacional de Parques. Na década de sessenta, a Grã-Bretanha utilizou a interpretação ambiental, não só em parques, mas também em áreas rurais e reservas naturais. A partir da década seguinte, os monumentos, edifícios e sítios históricos foram alvo da técnica que se desenvolvia. Além disso, houve grande destaque para as trilhas e roteiros como fruto do planejamento interpretativo. Em 1980, a criação de atrações foi uma nova utilidade dada à interpretação. Já nos anos 90, foi a vez da fomentação do Turismo, porém, muitas vezes, sem consultar a comunidade local sobre seus interesses. O reconhecimento deste equívoco fez com que o século XXI trouxesse consigo a defesa do meio ambiente e o envolvimento da comunidade na elaboração de um plano interpretativo. A proposta da interpretação é conseguir que através do planejamento participativo, o plano se torne sustentável.

O Planejamento Interpretativo alia os princípios de planejamento, interpretação e participação local. Em Turismo, planejamento tem por finalidade definir diretrizes que orientem os atores

envolvidos no processo a tomarem decisões a fim de fomentar esta Atividade. Segundo Petrocchi (2000), o planejamento é capaz de dar coerência e convergência às atividades a favor do crescimento turístico. Já a interpretação é um processo contínuo que deve envolver a comunidade local, através do planejamento participativo, na identificação de seu patrimônio e, desta forma, na reconstrução e valorização de sua realidade. Fontes (2003) comenta que a interpretação caracteriza-se pela informalidade e encantamento, abordando temas relevantes normalmente tratados com descaso ou mesmo ignorados.

O plano interpretativo pode ser dividido em três etapas essenciais de acordo com o modelo proposto por Murta e Goodey (2002, p.20): “*Inventário e registro de recursos, temas e mercados*”; “*Desenho e montagem da interpretação*” e “*Gestão e promoção*”. A primeira etapa destina-se ao conhecimento, levantamento de dados e análise dos recursos disponíveis, à sugestão de temas que possam ser adotados na interpretação e à descoberta de mercados potenciais. Há também o estudo das características daqueles mercados já existentes. Na etapa seguinte, há a escolha dos meios e técnicas de interpretação que melhor satisfaçam as necessidades da comunidade local e do público a que se destina o plano. Após o desenho da interpretação, há a montagem. É indispensável que o “cliente”, ou seja, o público-alvo sintam-se satisfeito e bem atendido. A terceira e última etapa refere-se à gestão do plano de interpretação e à sua promoção. O gerenciamento visa preservar e atualizar as instalações interpretadas. O monitoramento, a manutenção e a avaliação devem ser constantes assim como a capacitação da equipe atuante.

Os meios e técnicas de interpretação foram detalhados por Murta e Goodey (2002) e Fontes (2003) em seus trabalhos. Adotou-se, todavia, uma classificação simplificada conjugando as duas acima citadas. Desta forma, definiu-se, primeiramente, Centro de Visitantes como um tipo de planejamento interpretativo e logo em seguida foram descritos vários meios e técnicas de interpretação.

Um Centro de Visitantes é um tipo de planejamento interpretativo, o qual caracteriza-se como um espaço voltado à recepção de turistas / visitantes. Oferece informações específicas sobre o local interpretado, ou seja, utiliza-se de informações de primeira mão, que são transmitidas de maneira criativa através de linguagem acessível ao público a que se destina. Desta forma, a interpretação em um Centro de Visitantes visa a conscientização de todos que passam por lá.

A interpretação utiliza maciçamente os meios e equipamentos de comunicação. Desde teatro, fotografia e desenho até mapas, placas e guias, só para citar alguns. Os meios e as técnicas de interpretação variam de acordo com o objetivo do uso desta ferramenta, os recursos disponíveis, o ambiente interno, o público-alvo e a comunidade local.

Entre esses meios há a interpretação ao vivo ou pessoal. É uma técnica que utiliza pessoas na comunicação dos temas aos visitantes. Esta comunicação pode ser realizada por guias, atores, contadores de causos ou, até mesmo, cantores. O importante é provocar o público, manter sua atenção e, por fim, sensibilizá-los. O perfil de um intérprete define-se como uma pessoa comunicativa, paciente, bem preparada, envolvida com a realidade local e, sobretudo, amante do objeto interpretado.

Materiais impressos são outra alternativa para a interpretação. Vale lembrar que sempre devem se adequar às necessidades específicas dos visitantes, por exemplo, numa interpretação voltada para o público infantil, a linguagem deve ser simples e o material recheado de ilustrações. Folhetos, mapas, guias e roteiros são utilizados como publicações interpretativas, que podem ser fornecidos ao público e exercem um grande papel de valorização se bem organizados.

Os textos estão presentes também em placas informativas, painéis e letreiros. Da mesma forma que as publicações destinadas à distribuição, estes textos devem conter uma linguagem acessível que provoque e sensibilize a todos.

A mídia estática utiliza-se de objetos e documentos de grande valor, os quais podem ser dispostos em painéis revestidos por vidro de modo a “provar” aquilo que é comunicado ao público. Outro tipo de meio estático são modelos análogos à realidade, como é o caso das miniaturas.

Ao lado dos meios estáticos, há os meios animados de exibição, que primam por prender a atenção do público mais facilmente. São, por exemplo, os recursos sonoros que oferecem ao visitante uma experiência auto-guiada. O jogo de luzes e imagens, da mesma forma, tem grande papel na apresentação de temas e constituição de cenários. E, finalmente, o emprego do movimento nos modelos que fascinam a todos. São eles réplicas ou brinquedos que se movem.

Os meios e técnicas de interpretação apresentados podem produzir impactos positivos, como a sensibilização do visitante. Em contrapartida, podem descaracterizar um lugar. Por isto, a escolha dos meios deve ser fruto de pesquisa e baseada na comunidade, ou seja, a interpretação participativa é um caminho viável.

Um Centro de Visitantes necessita de profissionais bem capacitados e que estejam em sintonia com os valores implícitos do lugar. O conhecimento de público-alvo faz-se indispensável para a escolha da mídia apropriada para a divulgação do trabalho de interpretação.

Não basta um planejamento interno adequado, mas também um externo. Este se refere à busca de uma localização que alie acessibilidade, praticidade e inovação. Isto porque a construção de um Centro de Visitantes é a criação de um novo atrativo, onde novo refere-se mutuamente a recente e inovador.

Os Centros de Visitantes existentes buscam agregar valor ao seu “produto” e aumentar o tempo de permanência dos turistas / visitantes nas suas instalações. Para isto, constroem-se verdadeiros complexos culturais que contam com lojas de suvenires, serviços de bares e lanchonetes, sanitários e centro de informações. Um Centro de Informações visa o esclarecimento de dúvidas não só do atrativo em si, mas também do entorno. Levando em consideração uma ótica turística, uma localidade é um todo. Não basta promover somente um Centro de Visitantes, pois ele faz parte do que Beni (2001) chama de Sistema de Turismo (Sistur). O Sistur é formado por “subsistemas identificados nos conjuntos das Relações Ambientais da Organização Estrutural e das Ações Operacionais” (p.47), ou seja, os subsistemas ecológico, econômico, social e cultural interagem constantemente para proporcionar ao visitante / turista uma experiência memorável num espaço provido de infraestrutura. Esta relação acontece no mercado turístico, onde oferta e demanda, produção, distribuição e consumo são bem mais complexos, visto que muitas vezes as relações de consumo, num primeiro momento, se referem a bens intangíveis. Ou seja, uma experiência satisfatória depende do todo. Assim, um Centro de Informações dentro de um Centro de Visitantes destina-se a fornecer dados relevantes de modo que as pessoas se sintam queridas naquele espaço e bem assessoradas.

A interpretação deve ser parte de um Planejamento Sustentável, que visa o desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento sustentável consiste em promover ações que satisfaçam as necessidades de uma comunidade de modo que os recursos permaneçam para as populações futuras. “O conceito de sustentabilidade engloba claramente o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos” (SWARBROOKE, 2000, p.3). Assim, o Planejamento Sustentável deve

ser tratado numa perspectiva de longo prazo. Ou seja, o retorno imediato nem sempre é viável quando se deseja priorizar a sustentabilidade.

O debate sobre a sustentabilidade no Turismo teve origem a partir dos anos 60, quando o Turismo de massa se tornou um fenômeno (SWARBROOKE, 2000). As iniciativas direcionadas para a gestão do Turismo foram uma resposta aos impactos negativos que eram percebidos aos poucos.

A expressão “turismo sustentável” entrou em voga no final dos anos 1980, mas foi no início da década seguinte que passou a ser empregada com mais frequência. Esta expressão “*encerra uma abordagem do Turismo que reconhece a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos do Turismo para essa comunidade*” (SWARBROOKE, 2000, p.13). Porém não se consegue anular os impactos negativos, pois não existem ações humanas que não produzam esses impactos. O Turismo Sustentável deve, então, ser tomado como um caminho a ser seguido. Aproximar-se dele, pode ser considerado que ações sustentáveis estão sendo adotadas.

O homem faz parte da natureza e utiliza-se dos recursos existentes para sua sobrevivência. O fato é que o homem tem se esquecido que os recursos são esgotáveis e que da sua exploração e da atividade humana são gerados resíduos na forma de lixo. A conscientização ambiental é urgente, visto que o lixo é produzido, indiscutivelmente, em proporções cada vez maiores. Por isto, há a necessidade de um novo olhar sobre o mesmo.

O processo de urbanização e industrialização foi acentuado a partir do início do século XX e o crescente inchaço das cidades provocou também um aumento dos resíduos urbanos, porém:

(...) nunca houve uma preocupação abrangente para o tratamento da questão, e as poucas experiências realizadas até o momento tanto com relação ao aproveitamento energético quanto a outras formas de processamento e destinação final, têm se caracterizado por iniciativas isoladas e de abrangência limitada quando observadas em termos de país, região, estado, ou mesmo, cidade. (FIGUEIREDO, 1995, p.136-137).

Pouco foi alterado em relação ao final do século passado. Observam-se iniciativas isoladas como a formação de associações de catadores de materiais recicláveis, que buscam dar um destino inteligente aos resíduos produzidos nas cidades e melhores condições de vida àqueles que retiram sua sobrevivência do lixo. Estas associações podem ser compreendidas como uma forma de mobilização crescente que busca solucionar a questão da produção desenfreada de lixo através da adoção de caminhos alternativos para como Redução, Reutilização e Reciclagem.

“*Reduzir consiste em diminuir a quantidade de lixo produzido, desperdiçar menos, consumir só o necessário, sem exageros*”, segundo o site oficial da prefeitura de Belo Horizonte. A Redução só é possível a partir de uma educação ambiental, que reverta as tendências de consumismo e desperdício desenfreadas.

A Reutilização parte de um princípio que nem tudo que hoje é descartado é lixo. Além disso, seus defensores acreditam que o reaproveitamento é a opção mais viável para a redução do lixo.

A reciclagem que é uma das alternativas que podem reduzir o volume de lixo que é destinado aos vazadouros (lixões), aterros sanitários, ou mesmo, que nem são recolhidos. Anteriormente ao processo de reciclagem propriamente dito, há a coleta seletiva. A coleta seletiva separa os materiais basicamente em Papel, Plástico, Vidro e Metais. Este procedimento evita que grande volume de resíduos de difícil decomposição aumentem ainda mais os problemas ambientais;

além disto, dispensa que novas extrações ocorram, pois as matérias-primas podem ser novamente processadas e reutilizadas.

3 Metodologia

A experiência da ASMARE já faz parte da história de Belo Horizonte. Foi uma iniciativa que conseguiu mudar a realidade de muitas pessoas de rua. Além disso, colabora efetivamente para dar ao lixo um destino final adequado. Por isto, optou-se por um estudo de caso desta Associação para avaliar a viabilidade de implementação de um Centro de Visitantes através da percepção de vários atores relacionados a esta Associação. Worsley, referenciado por Alencar (1988), define estudo de caso como um método que constitui-se no exame de um conjunto de ações em desenvolvimento, com o intuito de mostrar como os princípios teóricos se manifestam nestas ações. As unidades de estudo desta natureza podem ser representadas por uma pessoa, família, um profissional, comunidade, nação ou organização.

Através de uma pesquisa a fontes bibliográficas buscou-se conhecer o perfil do turista que se desloca até a capital mineira. Esta pesquisa de gabinete tem o intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse. (MARCONI; LAKATOS, 2000, p.63).

Com a pesquisa de campo foram possíveis observações, exploração e coleta de dados num local (campo) que se tornou o objeto de estudo do presente trabalho. No caso da ASMARE, foram propostas três técnicas: registro visual (observação), entrevistas qualitativas e entrevistas quantitativas.

O registro visual (observação) foi imprescindível para o reconhecimento dos hábitos dos catadores e para avaliar as conseqüências de um possível aumento do fluxo de visitantes gerado pela criação de um Centro de Visitantes. Perceber peculiaridades do ambiente dos catadores foi outra utilidade da observação. Esta técnica utilizou-se de relatório para o registro das percepções mais relevantes.

As entrevistas quantitativas foram direcionadas para o público que já visita a Associação. O objetivo era identificar o perfil dos atuais visitantes da ASMARE e definir o público alvo para o Centro de Visitantes. O número de visitantes varia, no entanto, a quantidade total de visitas não é conhecida, visto que não há a coleta deste dado. Devido ao desconhecimento do universo, a pesquisa planejada era baseada na frequência de visitas, através da utilização de formulários semi-estruturados e aplicação durante a segunda quinzena de junho e no mês de julho de 2004. Porém as visitas foram canceladas durante todo o mês de julho, pois o único responsável pelo atendimento aos visitantes estava afastado devido a problemas de saúde. Por este motivo, os formulários aplicados não alcançaram um coeficiente de confiança nem uma margem de erro satisfatórios, então seu resultado foi ignorado.

Já a pesquisa qualitativa foi realizada com atores representativos do processo. Os roteiros tinham a estrutura de grandes temas de forma que se evitasse a tradicional metodologia de perguntas e respostas prontas e foram individualizados de acordo com a área de conhecimento de cada entrevistado. A responsável pela marcação das visitas, foi entrevistada visando identificar o perfil do público que entra em contato com a Associação no intuito de conhecê-la e suas aspirações. Os roteiros destinados à administração da Associação e a três catadores, sendo que um deles é o responsável pelo atendimento aos visitantes, visaram conhecer os desejos dos catadores, verificar as vantagens e desvantagens que um Centro de Visitantes proporcionaria no ambiente da ASMARE, conhecer o tipo de público que seria aceito pelos associados com a finalidade turística, definir de forma participativa a melhor organização para o Centro e sua possível localização, desenvolver a interpretação através do tratamento dos dados levantados. Com as entrevistas destinadas ao artista plástico que trabalha com a Associação e à gerente do Bar Reciclo ligado à ASMARE buscou-se identificar meios e

materiais viáveis de serem adotados na interpretação. Dois representantes da Empresa de Turismo de Belo Horizonte (BELOTUR) também foram entrevistados a fim de conhecer melhor como o Centro de Visitantes poderia ser integrado ao *trade* turístico e de identificar fontes de financiamento para sua implantação.

Este trabalho priorizou a participação da comunidade, visto que é uma estratégia para que um projeto tenha a aprovação daqueles que serão diretamente influenciados por ele. No caso do Centro de Visitantes, os catadores foram fontes imprescindíveis de dados.

4 Resultados

Temas relevantes foram analisados a partir da pesquisa bibliográfica e das informações coletadas através das entrevistas qualitativas. Através da primeira, buscou-se identificar o perfil do turista que viaja até a capital mineira e suas aspirações. Já a percepção dos entrevistados foi base para conhecer o histórico da ASMARE, o perfil dos visitantes, o Centro Cultural Reciclo e o potencial turístico da ASMARE. Por fim, foi feita uma análise em relação a viabilidade de implementação de um Centro de Visitantes nesta Associação.

4.1 Perfil do turista em Belo Horizonte

Para analisar a viabilidade de um Centro de Visitantes para a ASMARE é preciso pensá-lo como mais uma atração turística para a capital mineira. Em vista disso, é necessário, primeiramente, conhecer o perfil dos turistas que vêm a Belo Horizonte. A partir da pesquisa “Demanda Turística de Belo Horizonte” (2002) realizada pela Empresa de Turismo de Belo Horizonte – BELOTUR- em parceria com a Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte, verificou-se que o Turismo de Negócios (38,5%) e o Lazer (35,5%) continuam sendo o principal motivo da vinda de turistas à capital mineira. Vale ressaltar que o carro (30,9%), o avião (30,8%) e o ônibus de linha (30,4%) são respectivamente os meios de transporte mais utilizados pelos turistas que são na sua maioria (63,1%) do sexo masculino. As pessoas que vêm a Belo Horizonte estão na sua grande maioria na idade adulta e apresentam como escolaridade predominante o colegial completo / superior incompleto (37,4%), seguido do superior completo (26,5%). Vale destacar ainda que 8,8% dos turistas possuem algum tipo de pós-graduação. Em relação à renda familiar, pode-se dizer que apresentam uma média alta em comparação à média geral brasileira. As ocupações dos turistas envolvem principalmente funções de nível técnico / operacional (35,8%), seguida daquelas que se enquadram no nível terciário / superior (31,5%). Das pessoas que vêm a capital, a maioria fica de um a dois dias (41,1%).

Quando questionados sobre o que mais lhes agrada em Belo Horizonte, o item shopping / comércio foi o mais citado (16,2%), seguido dos atrativos turísticos (12,7%) e da hospitalidade das pessoas / receptividade (11,5%). Em contrapartida, apontaram da mesma forma os fatores que consideram desagradáveis e citaram o trânsito congestionado (24,7%) e a violência (15,5%) como os principais. Já a sujeira foi citada por 5% dos entrevistados. Vale destacar que dentro do critério de avaliação da limpeza urbana, esta foi considerada regular por 30,7% das pessoas, sendo que outros 31% a consideram ruim ou péssima. Os dados relativos à limpeza urbana são preocupantes ao se pensar na satisfação do turista como fator de fidelização.

4.2 Histórico da ASMARE

O representante da Administração da ASMARE relatou que a vida de catador antes da formação desta Associação era muito dura e lembrou “(...) *a gente vivia do lixo, morava no lixo e era tratado como lixo (...). Tanto pela sociedade como pelo poder público (...). Até*

policial prendia os materiais, queimava os carrinhos, as nossas barracas”. Ou seja, integravam a economia de forma marginal.

Então, foi com apoio da Pastoral de Rua que conseguiram mobilizar algumas pessoas com o intuito de formar uma associação e este entrevistado destacou que *“(...) a Igreja foi muito feliz na metodologia que ela usou. Ela trabalhou com os catadores de forma que ela formasse agentes multiplicadores*”. O processo de crescimento desta Associação foi acontecendo e a prefeitura teve um papel muito importante, seja através do aluguel de galpões de triagem, fornecimento de uniformes e vale transportes como na instalação dos Locais de Entrega Voluntária – LEV’s – na região centro-sul, cujos materiais são destinados à ASMARE.

Atualmente, a ASMARE desenvolve um papel importante junto à sociedade e ao meio ambiente. Está envolvida em etapas imprescindíveis ao processo de reciclagem. Segundo dados publicados em seu site oficial (2004), a Associação possui aproximadamente 380 associados, que saem às ruas em horários pré-definidos para recolher os materiais recicláveis. Os doadores de materiais são parceiros, muitas vezes anônimos, que realizam algum nível de coleta seletiva e doam estes materiais à ASMARE. Após a coleta em carrinhos de tração humana, se encaminham para os postos de triagem localizados na sede da mesma.

A ASMARE é uma sociedade civil sem fins lucrativos. Suas atividades consistem na coleta dos materiais recicláveis, na seleção por espécie e na comercialização coletiva, segundo o representante da Administração.

Nem todo o material é destinado às empresas de reciclagem. Parte dele é utilizado em oficinas, que ensinam os procedimentos de reciclagem numa tentativa de promover a educação ambiental.

4.3 Perfil do visitante da ASMARE

O público que visita a ASMARE é variado. Segundo a responsável pela marcação das visitas, *“vem do mais desfavorecido ao de alta classe, desde governo, ministros; todo mundo vem aqui à ASMARE”*. Mas afirma que é mais freqüente a visita de escolas de Belo Horizonte. Relatou que os visitantes passam de quarenta minutos a uma hora na Associação, percorrendo o local de triagem, o operacional, a marcenaria e depois vão ao bar Reciclo, sendo que as oficinas de artesanatos não são apresentadas aos visitantes. Já o catador que recebe os visitantes especificou que o público é composto de catadores de outras associações, interessados em formá-las, agentes ambientes e estudantes.

Uma catadora confirmou que os visitantes são variados e estão interessados em saber *“(...) como é que funciona aqui, como é que é o trabalho nosso aqui, e como é que fundou a ASMARE, como começou(...)”*.

As visitas são programadas para dois dias da semana e dois horários distintos. Apesar disso, o catador que atende os visitantes afirmou: *“eu me prontifico a tá atendendo todo mundo. Mas, às vezes, até aperta pra mim, porque é só eu sozinho pra tá atendendo a todos*”. E relatou que, às vezes, chega uma visita quando uma outra já está sendo atendida. Ao descrever a situação, disse: *“Eu tenho que parar aquele assunto e começar novamente a contar tudo de novo pra outra visita que chegou”*. Tal depoimento aponta para a necessidade real de disponibilizar um número maior de monitores para receber os visitantes.

4.4 Centro Cultural Reciclo

O Espaço Cultural Reciclo foi inaugurado pela ASMARE em dezembro de 2000 com a proposta de dar uma possibilidade de emprego a ex-moradores de rua, segundo a gerente do espaço. Com a assistência da Pastoral de Rua e assistentes sociais voluntárias, jovens moradores de rua são selecionados para trabalhar no local. É relevante destacar que esta

seleção ocorre porque nem todos que se apresentam querem deixar o mundo da marginalidade e das drogas.

Segundo o catador que atende os visitantes, o Centro Cultural Reciclo surgiu também como uma forma de “(...) *ta curtindo um show, batendo um pagode de vez em quando, fazendo uma festinha de aniversário de algum de nós*”.

O Espaço é dividido em três setores: a Loja, a Oficina de Artes e o Bar e seu objetivo foi tentar a inclusão social de uma parcela da população que ainda morava na rua. Desta forma, seus associados são ex-moradores de rua que são selecionados pela Pastoral de Rua.

4.5 Potencial turístico da ASMARE

Um dos catadores entrevistados acredita que os catadores podem atrair turistas a Belo Horizonte, porque “*vamos supor, o turista ele vem numa cidade, ele olha muito a qualidade de vida da cidade, a aparência da cidade*”. E ele disse ter certeza que contribui muito para a limpeza da cidade.

De acordo com a responsável pela marcação das visitas, os catadores poderiam atrair mais turistas a Belo Horizonte. Pensa que sim. E completou: “(...) *com o novo local pra onde vai tá indo o Reciclo, que é na rua da Bahia (...). Vai haver lá um Espaço Reciclo II. Pra exposição, com lojas, com restaurante, lanchonete, tem uma série de coisas (...), mas não sei se é só pra noite, mas certamente vai virar um Centro Cultural lá. Talvez num futuro melhor, o pessoal do Reciclo possa tá te dando essas dicas melhores. Mas aqui vai continuar sendo de formação, de oficinas*”.

Surge, então, um dado novo que poderia mudar todo o rumo das pesquisas. Então, buscou-se saber mais sobre esse Reciclo II e foi relatado que já está em fase de implantação, segundo esta mesma entrevistada. Afirmou que informações mais detalhadas poderiam ser conseguidas com a gerente do Reciclo. Esta, em sua entrevista, descreveu o local de forma a não revelar exatamente o lugar, detendo a passar poucos detalhes. O Reciclo II, segundo ela, tem como objetivo atrair um público que ainda não foi conscientizado sobre o trabalho da ASMARE. Informou que “(...) *é um ponto muito legal, é um ponto mais acessível. A idéia também é fazer com que a cidade olhe pra essas pessoas com outro olhar, e também do lado de cá fazer com que essas pessoas que sempre moraram aí, debaixo de viadutos ocupem a cidade como um ser da cidade. Então essa idéia assim é muito legal, e vai ser muito bacana mesmo porque a gente vai estar na Praça da Liberdade do lado do Palácio do Governo*”.

Por fim, afirmou que mesmo com o Reciclo II, o bar Reciclo será mantido, porém não sabe se a loja continuará e relatou que o espaço liberado será transformado num centro de capacitação de moradores de rua.

Em relação ao Reciclo II, cabe apenas um questionamento: será que a sua alocação numa área nobre da cidade será um fator positivo ou negativo no que concerne a questão da inclusão social dos catadores?

Os representantes da Empresa de Turismo de Belo Horizonte também falaram sobre o potencial turístico dos catadores e da ASMARE. Uma entrevistada acredita que os catadores podem atrair um tipo de turista específico à Belo Horizonte: “*Normalmente, mais as pessoas ligadas a essa área de meio-ambiente. É um trabalho legal, é um trabalho a ser divulgado pelo país todo ou fora do país*”. O outro representante da Belotur tem um posicionamento diferente. Acredita que os catadores em si não atraem turista, pois há catadores em qualquer lugar do país. Mas o trabalho da ASMARE sim, porque: “*O que a ASMARE faz, o que o catador transforma a partir daquela atividade de coleta de lixo, de coleta seletiva,*

transformando o lixo urbano que polui, que degrada, que suja”. E completou: *“Esse trabalho (...) é um atrativo turístico diferenciado. Ele é um fator de referência da cidade no país”*.

4.6 Um Centro de Visitantes para a ASMARE

O responsável pelo atendimento aos visitantes foi questionado em relação às condições em que eram recebidas as pessoas e se encontrava alguma dificuldade de se expressar a céu aberto ao receber grupos. Ele confirmou esta dificuldade e deu uma sugestão: *“Eu acho que a ASMARE deveria abrir uma sala pra visita! Pra visita, com uns vídeos pra mim tá mostrando, tá explicando”*. E complementou posteriormente: *“E eu que tinha que tá lá”*.

Entretanto, acha que sua sugestão não pode ser realizada agora, pois há outras melhorias básicas para os catadores que devem ser priorizadas.

Os outros dois catadores entrevistados foram questionados a respeito da viabilidade de implementação de um Centro de Visitantes para a ASMARE. Um deles mostrou-se a favor: *“Eu acho que qualquer coisa que fazer, é válido. Mas isto que você tá falando já devia ter há muito tempo. Com certeza isto aí tá, faltando, já devia ter pensado nisso há muito tempo.”* E explicou porque acredita na viabilidade de um Centro de Visitantes: *“(...) muitas vezes, as pessoas vem aqui, quarenta, cinquenta pessoas, você tá apresentando o trabalho pra eles, o que tá aqui atrás não vai ouvir o que eu tô falando lá na frente”*.

Já a outra catadora mostrou-se contra e justificou-se: *“Eles não quer um lugar separado, eles quer vê aonde que a gente tá, como é que é o sofrimento da gente, como é que consome, igual cê tá vendo ali, como é que lá vai pesar, tão vendo como é que é feito os fardos, lá não vai ter nada disso, vai ser só um centro assim pra conversar. Eles quer vê como é que tá, quer vê o quê que é que nós busca pra reciclar”*.

Entretanto, dá para inferir que sua resposta estava relacionada com o Reciclo II, que contará com um Centro Cultural e estará localizado longe dos galpões de atividade da ASMARE.

Estes são, então, dados relevantes, pois o Centro de Visitantes agregará valor ao trabalho dos catadores, porém não deveria ser deslocado de sua realidade, ou seja, sua melhor localização é próximo à ASMARE, próximo de sua realidade, pois os visitantes querem conhecer a parte operacional e a realidade dos catadores.

O artista plástico, que trabalha diretamente com os associados, desenvolve os trabalhos nas oficinas de artes. Como coordenador das mesmas, é a pessoa mais indicada para, em conjunto com os oficinheiros e os catadores, desenvolver os trabalhos artesanais para exposição e a decoração de um Centro de Visitantes. Vale ressaltar que foram identificadas através de seu depoimento duas atrações potenciais que poderão fazer parte da interpretação ao vivo do Centro de Visitantes: o grupo de teatro “ASMARE em Cena” e o grupo de samba de raiz. São igualmente diferenciais para o espaço em planejamento.

De acordo com a percepção de um dos representantes da BELOTUR, um centro de atendimento na ASMARE serve como instrumento de aprimoramento da informação ambiental. Ele afirmou que um projeto que contempla dois beneficiários, o meio ambiente e a atividade turística, tem muitas chances de buscar financiamentos até mesmo a fundo perdido, ou seja, se provar seus benefícios substanciais o crédito é concedido pelo governo e não precisa ser liquidado.

5 Considerações Finais

O reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos catadores é maior que no passado, porém ainda anseiam uma valorização por parte das pessoas, porque mais que catadores, eles são agentes ambientais de grande importância.

Verificou-se que um Centro de Visitantes trará alguns benefícios para os catadores e seu trabalho. Será uma forma de agregar valor ao mesmo e, assim, gerar uma sensibilização dos visitantes ao tornar as visitas mais agradáveis. Também possibilitará apresentações do grupo de teatro ASMARE em Cena e do Grupo de Pagode dos Catadores, valorizando sua cultura. Além disso, as visitas poderão ocorrer durante toda a semana.

Quanto às desvantagens que o mesmo pode acarretar, surgiu um questionamento em relação ao efeito psicológico que um local que se propõe a utilizar, além da interpretação pessoal, a escrita, como folhetos e placas interpretativas, acarretará aos catadores que em sua grande maioria não têm escolaridade ou somente freqüentaram o nível primário. Entretanto, somente um estudo mais profundo e específico poderá responder este questionamento.

As pesquisas apontaram que o público que visita a ASMARE é bem específico e se interessa por questões sócio-ambientais. São eles catadores de outras associações ou envolvidos na gestão do lixo interessados em conhecer o modelo da ASMARE e o meio acadêmico em todos os níveis.

A partir da identificação das aspirações dos catadores, concluiu-se que o local mais adequado para o Centro de Visitantes é próximo à Associação. Isto porque o diferencial é a interpretação ao vivo da parte operacional aliada aos outros tipos de interpretação.

Este trabalho revelou também que a interpretação pessoal deve continuar, seja através de monitores ou do grupo de teatro. Além deste meio interpretativo, outros podem ser sugeridos como a exposição de placas e painéis, um Museu de Sucata, um Espaço com os lugares de Memória dos catadores e uma sala para apresentação de filmes.

Portanto, um Centro de Visitantes seria uma forma de divulgação do trabalho dos catadores, visto que se baseia na utilização de informações e de meios audiovisuais para promover a conscientização e sensibilização em prol da coleta seletiva e da reciclagem. Desta forma, haverá a promoção do turismo para um segmento específico e poderá futuramente atingir outros nichos pela relevância ambiental, social e turística.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, E. **O estudo de caso é uma categoria válida em pesquisa social?** Lavras: UFLA, 1988. 5 p.
- AULICINO, M. P. Impactos do Turismo. In: AULICINO, M. P. **Turismo e Estâncias: Impactos e benefícios para os municípios.** São Paulo: Futura, 2001. Cap. 4, p.43-64.
- BELOTUR e FACULDADE ESTÁCIO DE SÁ BELO HORIZONTE. Mauro Calixa Tavares. **Demanda Turística de Belo Horizonte.** Agosto 2002.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** 4. ed. São Paulo: Senac, 2001.
- CATADORES de Papel – A Coleta Seletiva na Construção da Cidadania. Disponível em: <www.pbh.gov.br/siga/limpeza/catadores.htm> Acesso em: 23 mar. 2004.
- CONHEÇA a ASMARE. Disponível em: <www.asmare.org.br> Acesso em: 1 mar. 2004.
- FIGUEIREDO, Paulo J. **A Sociedade do Lixo: Os resíduos, a questão energética e a crise ambiental.** 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1995. 240p.
- FONTES, Marco A. L. Interpretação da natureza para o Ecoturismo. In: FONTES, Marco A. L.; VITORINO, M. R.; ALVES, S. C. **Ecoturismo e Interpretações.** Lavras: UFLA/FAEPE, 2003. p.1-11.
- HISTÓRICO da ASMARE. Disponível em: <www.asmare.org.br> Acesso em 1 mar. 2004.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 282p.
- MURTA, S. M.; GOODEY, B. Interpretação do Patrimônio para Visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org.). **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002. p.13-46.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: Planejamento e Gestão**. 3. ed. São Paulo: Futura, 2000. p.59-73.

RESENDE, Letícia Antunes. **Apostila da Disciplina Atrações Turísticas Contemporâneas**. PUC – Minas, 2004, p.1-10.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Conceitos e Impacto Ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000. v. 1, p.140.

UMA Pesquisa sobre o Lixo. Direção Sylvio Costa Filho. Produção: Edna Cox, Francisco Marçal, Jessé Oliveira, Oswania Luzia, Paulo Fournier. Locução: Renata Mafra. Roteiro: Carlinhos Chagas. São Paulo: Senac Nacional, 1998. 1 fita de vídeo (20 min.), VHS, son., color.